

Michel Seydoux *apresenta*



SELECÇÃO OFICIAL
COMPETIÇÃO
FESTIVAL DE CANNES

Vincent LINDON Alain CAVALIER

pater

um filme de Alain CAVALIER

*em colaboração com FRANÇOISE WIDHOFF uma produção CAMERA ONE
em co-produção com ARTE FRANCE CINÉMA
com a participação de ARTE FRANCE, CANAL+ e CINÉCINÉMA
distribuição CLAP FILMES*

clap filmes

arte

CANAL+

CINÉCINÉMA



www.clapfilmes.pt



(SINOPSE)

O realizador Alain Cavalier (“Irène”) e o actor Vincent Lindon (“Welcome – Bem-vindo”) são amigos. Quase como um pai e um filho. Em “Pater”, ligam as câmaras, vestem os seus melhores fatos e encarnam duas figuras de peso: o Presidente da República e o Primeiro-Ministro.

Dois homens a brincar à política? Qualquer semelhança com a realidade não é pura coincidência.



Sinto que posso realmente ser Primeiro-Ministro. Se estiver bem rodeado, se escolher as pessoas certas. Se for amável e sensato. Se conseguir separar as boas das más ideias.



Gosto dele. É caloroso. Um pouco impulsivo.

Mas vou refreá-lo. É resistente. Assustadoramente simpático.

Será popular.



Numa empresa, quando o menos qualificado dos trabalhadores ganha cinquenta vezes menos do que o patrão, algo está mal.

(ENTREVISTA)

É a história de uma grande amizade, de uma ideia ousada, de um filme lúdico e profundo onde Alain Cavalier e Vincent Lindon interpretam o Presidente e o Primeiro-ministro.

A 17 de Maio, em Cannes, o público da maior sala do Palácio dos Festivais levantou-se para aplaudir durante dezassete minutos o filme que tinha acabado de descobrir e os seus dois principais actores. Que obra suscitaria um entusiasmo tal ? O novo de Terrence Malick ? Piratas das Caraíbas 4 ? Não, um filme francês de orçamento modesto, integralmente filmado, interpretado e improvisado por dois homens com uma pequena câmara HD Sony : o cineasta Alain Cavalier, 79 anos, e o actor Vincent Lindon, 51 anos. Um quarto de hora durante o qual os dois homens, visivelmente emocionados, apreciaram a forma como o seu golpe foi bem sucedido.

Mas que golpe ? O realizador e o seu actor filmaram-se um ao outro. Cavalier interpreta o Presidente da República ; Lindon o seu Primeiro-ministro. Nenhum técnico no set, dois cenários principais (os apartamentos dos dois amigos), dois fatos, duas camisas brancas e duas gravatas escuras. Alguns amigos (o produtor, o seu motorista, uma cunhada, um primo) desempenham papéis secundários passageiros e não-identificados.

Ao mesmo tempo, um realizador reconhecido pelos seus pares como um dos mestres do cinema na primeira pessoa torna-se, pela primeira vez na sua vida, actor, e um actor de renome toma, pela primeira vez na sua carreira, o lugar de realizador ou de operador de câmara. Este exercício com limitações impostas pelos próprios cria uma espécie de *Oucipo* (Ouvroir de Cinéma Potentiel), sobre o modelo do grupo literário formado por Raymond Queneau com os seus amigos Georges Perec, Jacques Roubaud, etc.

De que parte do cérebro de Cavalier brotou esta ideia ?

«Senti-me, depois de 'Le Filmeur' (2005) e 'Irène' (2009), a andar em círculos no meu cinema muito autobiográfico, ou mesmo a atingir demasiado a minha própria imagem », explica.

Mas porquê um Presidente e o seu Primeiro-ministro ? « Há uma fonte muito óbvia nesta ficção . O meu pai, que começou a perder a visão pouco depois dos 40 anos, havia instalado uma bicicleta dentro de casa para manter a forma, depois de ter tido alguns acidentes na estrada, porque se recusava a reconhecer a sua cegueira. Um dia – já velho e a pedalar -, ouvi-o a gritar do outro lado da parede : « Eu também podia ser Presidente da República ! É óptimo, não é ? ».

Uma frase que tem um eco na cena em que Lindon, de frente para a câmara, explica que, sim, ele também poderia ser, na vida real, o Primeiro-ministro.

« O pior foi que, no momento em que eu o disse, acreditei verdadeiramente », explica Lindon sorrindo. « Pensava que conhecia toda a esquizofrenia da profissão de actor, mas não. »

Em Pater, tudo gira em torno da paternidade, do poder simbólico ou real, das lutas entre machos, do falo, da rivalidade entre homens, entre amigos : o Presidente como pai da nação, como pai do Primeiro-ministro, o actor como filho do realizador, o amigo de 79 anos como pai espiritual de um homem mais novo do que ele...

Porquê Vincent Lindon ?

Porquê recorrer a um actor não só profissional mas também famoso ? Durante 30 anos, Cavalier banuiu-os do seu cinema, por gosto e escolha. « Na verdade , desde o primeiro dia de rodagem do meu primeiro filme, 'Duelo na Ilha' (1962), quando Romy Schneider surgiu à minha frente toda maquilhada, apercebi-me da anormalidade da situação, ou, melhor, que os actores profissionais não eram para mim. É difícil de explicar, mas tinha a impressão de que eles estavam a tomar um poder que era meu. Por exemplo, toda a minha vida me bati, com sucesso, para que nenhum actor, mesmo uma estrela, fosse mais bem pago que eu nas filmagens. Caso contrário, é bizarro. Para além disso, durante as rodagens, muitos actores representam para a equipa técnica. Cheguei a ver técnicos a aplaudir no final de um *take*. Isso é inconcebível para mim ! »

O último desses profissionais foi Jean Rochefort, em « Un Étrange Voyage » (1981).

« Eu e Rochefort tínhamos a mesma idade, 50 anos. E trabalhando com um actor de 50 anos agora, senti-me a rejuvenescer. Em troca, dei-lhe a oportunidade de filmar um tipo de cinema diferente. »

Porquê renunciar a essa promessa ? Já em 'Irène', Cavalier admitia o seu fascínio de sempre por Sophie Marceau – através de uma fotografia da actriz colocada num cartaz e à qual ele se dirigia várias vezes. Que se passou ? A resposta tem uma palavra : amizade

Tudo começa com um encontro fortuito, há dez anos, numa rua de Saint-Germain-des-Prés, em Paris, (história contada no filme), na rua do Bac. Lindon passeava com um amigo quando reconheceu Alain Cavalier que admirava desde 'Thérèse' (1986) – Catherine Mouchet, a protagonista, também é natural de Etretat, como a família Lindon, e as duas famílias perpetuaram laços de amizade desde há cem anos.

Ele diz-lhe. « Ficaria muito triste se na minha carreira não fosse filmado por si um dia », diz Vincent Lindon a Alain Cavalier, acrescentando que nunca tinha pedido a um realizador para trabalhar com ele.

Na altura, Lindon sabia-o perfeitamente, Cavalier era conhecido por ter decidido realizar filmes sozinho, com a sua câmara, depois de ter traçado uma mais convencional carreira como realizador, comercial e brilhante. O realizador encontrava-se naquela época a filmar um amigo que aceitou perder 45 quilos em frente da sua câmara (« René », estreado em França em 2002). Cavalier (Lindon saberá bem mais tarde que o cineasta gostou da expressão « ser filmado por si » em vez de « fazer um filme consigo ») respondeu-lhe da seguinte forma :

« Olha, acho que nunca voltarei a trabalhar com profissionais. Mas se eu tiver de o fazer, será consigo. Pode parecer a retribuição de um elogio mas digo-o verdadeiramente. »

Um projecto construído sobre uma amizade

Nesse momento, Lindon ficou dividido entre o orgulho e a dúvida. Mas os dois acabaram por se encontrar com intervalos cada vez menos espaçados. Vão a casa de um, e de outro, bebem café, atravessam Paris a pé até ao 16º arrondissement ou ao 6º ou vão juntos ver um clássico de Hollywood no Action Christine. Eles confiam um no outro.

Lindon, que perdeu o seu pai « demasiado cedo », reúne os seus elos perdidos com Cavalier : « Quando ele era jovem, tinha uma banda com os amigos, bebiam, faziam a festa... Acredito que ele se revê um pouco em mim. Com ele falamos de tudo : mulheres, futebol, Castel, o meu tio Jérôme Lindon, Deneuve ! Ele sabe tudo sobre literatura e arte : para mim, é Malraux ! E para além disso, tudo o diverte, quer as minhas alegrias quer as minhas tristezas. Tudo o interessa. É um pouco como o pai que todos sonharíamos ter... »

Podemos ainda acrescentar que ambos têm em comum serem, durante as entrevistas, muito concentrados e atentos a tudo o que os rodeia : um anel num dedo, uma mulher solitária que chora na mesa do lado, aquilo que lemos, aquilo que pensamos...

Por seu lado, Cavalier teve sempre de enfrentar uma figura paternal muito rigorosa (o seu pai era um alto funcionário). Os dois homens em busca de um pai, e talvez de filhos porque ambos são pais de uma filha única, telefonam-se, falam, bebem copos nos bares de hotéis de luxo em Paris. E assim, num dia em 2007, discretamente, Cavalier anunciou de forma velada a possibilidade de um filme :

« Vincent, ontem tive uma ideia sobre ti. Vi-me a filmar-te. Não sei como. Se assim continuar, nada se fará. Mas queria dizer-te que tive uma pequena ideia..."

A ideia progrediu, com mudanças claras. Em Janeiro de 2010, segundo Lindon (que o imita muito bem), Cavalier pronunciou a seguinte frase, rodeado de um copo de amendoins, no Hotel Meurice : « Acho que tenho uma ideia para uma pequena proposta : talvez criemos alguma confusão os dois. Aquilo que te proponho, será melhor se eu te visitar com a minha câmara. Se não correr bem, paramos. » Lindon aceitou.

Para conseguir financiamento, Cavalier escreve uma nota de intenções de nove páginas, mais meditação literária sobre a figura do pai do que um verdadeiro argumento. Um dia, durante a « rodagem », Cavalier surge no filme através de uma voz off, depois aparece de costas e finalmente de frente. Ele desliza para dentro do seu filme, no seu papel. O princípio do filme impõe-se pouco a pouco : os dois, a câmara, um Presidente da República, o Primeiro-ministro, os desafios do poder.

Trabalham entre os dias de rodagem de Lindon nos filmes grandes (nomeadamente o novo de Philippe Lioret, « Toutes nos envies »), improvisam. Filmam num take. Se o filme não ganhar forma, não existirá, tanto pior.

Aqueles que forem ver PATER constatarão que a alimentação e a bebida ocupam aqui um papel importante – tal como no Pai Nosso (« o pão nosso que nos dai hoje ») ? Os encontros entre os dois homens políticos e os dois acólitos, nos seus papéis ou não, flutuam no meio de pratos saborosos (trufas !) devorados com evidente apetite. Encontramos um pouco, mais *chic*, o ambiente masculino que banhava « Le Plein de super » (1976), o primeiro « filme de homens » realizado por Cavalier e co-escrito com os seus intérpretes (Etienne Chicot, Patrick Bouchitey, Xavier Saint-Macary, Bernard Crombey)

A verdade é que Cavalier e Lindon nunca filmaram sem previamente almoçarem juntos. « Cavalier dizia-me logo no início : ‘E se, antes de tudo, fossemos comer chucrute no Lipp, Vincent ? » Após o almoço, os dois seguiam para casa de Lindon. E depois, sem pressas, Cavalier colocava a sua câmara e filmava. Sem claquete, sem « corta ! ». A câmara continuava a filmar durante as interrupções quotidianas (um toque de telefone, um pequeno copo de vinho e uma chávena de chá).

Cavalier dizia com a sua voz suave : « E se falássemos um pouco de política nuclear, Vincent, qual a tua opinião ? » E os dois homens voltavam a ser imediatamente Presidente e Primeiro-ministro...

« Bem, sendo franco, Cavalier cortou bastante, felizmente. Temos frequentemente conversas de café como toda a gente tem na sua vida ! »

Lindon é levado pelo jogo. No dia em que ele se apercebe que o « presidente da República » deseja mudar de « Primeiro-ministro », ele pede a Cavalier para lhe confiar a câmara durante uns dias. Essa cena permaneceu no filme e é uma das mais belas. Ela foi, portanto, filmada sem o seu realizador... « Fizemos coisas incríveis, foi louco, louco ! », exclama Vincent Lindon, de olhos humedecidos.

Sugerimos a Alain Cavalier que a experiência nos faz recordar um pouco a escrita automática, a técnica imaginada por Breton e Soupault para escrever « Les Champs Magnétiques », ou faz-nos pensar na escrita do argumento de « Un Chien Andalou » por Buñuel e Dali (cada um deles propõe uma ideia, uma imagem, que se não agradar ao outro é abandonada). Cavalier quer ser mais modesto, preferindo dedicar-se às intrigas políticas (eleições, traições) que construiu e que dão um fio condutor às suas improvisações.

Das setenta e sete horas de imagens, o cineasta guardou uns três quartos.

« Editava-o progressivamente. A rodagem decorreu durante todo o ano de 2010. Deixei as imagens repousar um pouco para esquecer a euforia da rodagem e para poder contemplá-las com um pouco de objectividade. O filme nasceu a pouco e pouco. Guiou-me. Apenas tive de o seguir. »

Vincent Lindon lembra-se do último dia de filmagens : « Cavalier disse-me : ‘ Vincent, tu sabes, acho que o filme terminou... ’ Para mim, do ponto de vista profissional, foi o ano mais bonito da minha vida. »

Chegou o dia em que Alain Cavalier decidiu mostrar o filme ao seu produtor, Michel Seydoux, e a Lindon. Deixou-os a sós na sua sala de montagem. « Saí destroçado », confessa Lindon, « Senti-me mal durante todo o dia. Levei algum tempo a compreender porquê. » Alguns problemas de imagem ?

« Bem, é verdade que pela primeira vez me vi num filme tal como sou na vida real, com os meus tiques... »

Cavalier não procura fugir do assunto : « Todos os actores têm problemas com a sua imagem, é algo inerente aquilo que eles são, à sua profissão. Mudei os meus métodos de produzir filmes mas o cinema é a minha profissão : tudo fiz, portanto, para mostrar Vincent a seu favor. Mas sim, foi difícil para ele aceitar ver-se daquela forma, no início. No entanto, para mim, além de um filme sobre o poder e as lutas de poder, PATER é um documentário sobre ele. »

Lindon tem a sua própria explicação para este mal-estar : « Acabei por compreender o que me incomodava. No início do genérico, Cavalier havia posto : Vincent Lindon em PATER, um filme de Alain Cavalier. E eu disse-lhe : « Não, Alain, não pode ser, tens de estar ao meu lado no genérico ». Ele mudou e agora está comigo. Senti-me aliviado. Podia finalmente aceitar ver o filme. »

A selecção do filme para a competição de Cannes foi outro dos acontecimentos extraordinários desta estranha aventura. Sem falar do triunfal acolhimento do público : « No início, ficámos comovidos, mas depois, ao final de uns minutos, não sabíamos o que fazer ou dizer, portanto continuámos a sorrir e a dizer que aquilo ia parar. Mas não, as pessoas continuaram a aplaudir », explica Cavalier, exprimindo a sua emoção real e visível de forma velada. Lindon é mais directo : « Nunca me esquecerei. »

Jean-Baptiste Morain

(IMPrensa)

Nos últimos anos, Alain Cavalier descobriu as delícias das novas câmaras digitais. Tirando partido dos modelos mais ligeiros, tem feito alguns filmes de inesperado risco introspectivo (lembremos *Irène*, de 2009) que são também metódicos exercícios contra o naturalismo demagógico da televisão. Agora, com *Pater*, Cavalier avança um pouco mais nesse processo de discussão dos limites do cinema, integrando um actor cúmplice, Vincent Lindon. Que fazem eles? Pois bem, uma espécie de documentário forjado da sua própria amizade, começando por discutir gastronomia e gravatas, para desembocarem numa farsa em que Cavalier é Presidente da França e Lindon primeiro-ministro, avaliando estratégias para as próximas presidenciais. Para além das perversas conotações que o filme pode adquirir no contexto francês, há nele um sentido de ironia que desmancha, ponto por ponto, a facilidade com que as televisões se assumem como veículos de uma verdade sem mácula. Para Cavalier, receber uma imagem é também discutir os seus graus de verdade. Ou como o cinema pode ser mais sincero que a televisão.

João Lopes – Diário de Notícias

O que quer que *Pater* seja, é bom que esteja aqui, na competição de Cannes, nunca se desfazendo a sua natureza de OVNI. (...) Em *Pater* está ele [Alain Cavalier] e está o actor Vincent Lindon, encontram-se para comer, não espantam a nuvem de pudor que envolve amigos dispostos a deixarem-se tocar pela afectividade de um pai e de um filho e vestem, literalmente, as roupas de um Presidente da República e do seu primeiro-ministro num filme que poderiam fazer (sobre política, por exemplo). (...) Quem interpreta o quê e quando é uma dúvida que se instala no espectador. Mas a dúvida deixa de o ser quando se aceita o jogo e a flutuação, esse estar contra o dogmatismo das coisas e do cinema que é o programa de Cavalier, a sensualidade cavalheiresca deste cineasta. É um filme contra, subtil, doce e ironicamente contra, o cinema e a política prontos-a-filmar.

Vasco Câmara – Público

Quase nos esquecemos do essencial: a melhor forma de compreender a política, ainda é olhar para ela. Colocá-la face a ela mesma e ao seu próprio espectáculo, no seu espelho. *Pater*, este filme diferente de qualquer outro (...), faz com a política o mesmo que os políticos fazem “de manhã enquanto se barbeiam”: pensa. E pela força do pensamento, Alain Cavalier joga a comédia do poder.

Philippe Azoury – Libération

Pater vai mais longe. Ausculta o íntimo, misturando-o com a política e o inconsciente colectivo. Prodigioso... e quase profético.

Olivier Delcroix - Le Figaro

Pater fala de política, da palavra, de poder, de pais. Perfeitamente. Um filme lúdico e profundo.

Jean-Marc Lalanne - Les Inrockuptibles

Anunciado como “um dos filmes mais bizarros exibidos em Cannes”, aureolado com uma reputação de OVNI ovacionado, “Pater” surpreende até os mais profundos conhecedores da obra de Cavalier.

Joachim Lepastier - Cahiers du Cinéma

Ficha Artística

Vincent Lindon

Alain Cavalier

Bernard Bureau

Jonathan Duong

Hubert-Ange Fumey

Jean-Pierre Lindon

Manuel Marty

Claude Uzan

Ficha Técnica

Realizador: Alain Cavalier

Produtor: Michel Seydoux

Mistura de Som: Florent Lavallée

Uma produção Camera One, em co-produção com Arte France Cinéma

Com a participação de Arte France, Canal + e Cinécinéma